

OCTAVIO IANNI

Thimóteo Camacho

Professor do Departamento de Ciências Sociais da UFES e membro do Conselho Editorial da Revista *Geografares*.

O Brasil perdeu o seu mais importante sociólogo em atividade e a esquerda se vê privada de um dos mais coerentes intelectuais socialistas: vitimado por um câncer, morreu em São Paulo, aos 77 anos, **Octavio Ianni**. Crítico contumaz da atual conjuntura sociopolítica brasileira, o professor Ianni foi um dos poucos representantes da intelectualidade nacional que levantou a voz contra a incorporação do país ao modelo neoliberal de adesão à globalização.

Como um dos principais estudiosos e intérpretes do Brasil, Octavio Ianni ensina em seus livros que o país ainda é marcado por resquícios de escravagismo, mantendo um sistema de superexploração e de concentração da renda em que as classes dominantes, agrárias e urbanas (burguesia latifundiária, industrial e financeira) mantêm privilégios em detrimento da grande maioria da população. A superação dessa situação só será possível em torno de um projeto nacional, como o que ocorreu em 1930, interrompido pela ditadura de 1º de abril de 1964. “A ditadura literalmente degolou

lideranças e organizações políticas comprometidas com o projeto nacional. Dois exemplos são Juscelino Kubitschek e Celso Furtado, grandes símbolos do projeto do capitalismo nacional que foram cassados... Fernando Henrique Cardoso, quando deixar o poder, pode escrever um novo livro, “Teoria da dependência perfeita”, como responsável por ter realizado o desmonte final do projeto nacional que vinha sendo desenvolvido havia décadas.”¹

A ditadura militar, especialmente o “golpe no golpe” e sua criatura mais nefasta, o AI-5, causou grandes estragos em todos nós brasileiros. Muitos migraram da esquerda para o centro (e alguns até para a direita). Muitos desanimaram. Octavio Ianni não vacilou; permaneceu na linha de frente do combate à ditadura, fiel a seus princípios, coerente com suas convicções políticas. “Num tempo como este, em que estamos

1. Entrevista concedida a Regis Mallmann para o jornal *A Notícia*, Florianópolis.

mergulhados, agora, convivendo com procedimentos científicos que se pretendem ‘neutros’, ‘assépticos’, ele, com certeza, vai fazer muita falta. Resta-nos a esperança de que a sua lição de inconformismo, de rebeldia e de combatividade não venha a ser esquecida.”²

Octavio Ianni graduou-se pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (USP), onde obteve o grau de mestre, em 1956, com a dissertação *Raça e mobilidade social em Florianópolis*. Obteve o título de doutor defendendo a tese *O negro na sociedade de castas*, em 1961. Apresentou a tese de livre-docência na USP, em 1964, com a pesquisa “O Estado e o desenvolvimento econômico no Brasil”.

Discípulo de Florestan Fernandes, Octavio Ianni é, juntamente com o mestre e Caio Prado Jr., um dos pioneiros da utilização do método dialético na análise dos fenômenos históricos e na interpretação da realidade política, social e econômica do Brasil. Pertenceu a uma geração de professores da USP que foi decisiva na consolidação dos estudos sociológicos e dos problemas brasileiros. Em 1969, foi aposentado compulsoriamente pelo AI-5. Lecionou na PUC-SP e na UNICAMP, universidade onde trabalhou até poucos dias antes de morrer. “Ultimamente andava muito animado. Deu uma aula inaugural belíssima na Filosofia (USP)”, disse José de Souza Martins³.

Entre os seus livros publicados, pode-se destacar: *O colapso do populismo no Brasil* (Civilização Brasileira, 1968); *Ensaio de sociologia da cultura* (Civilização Brasileira, 1993); *Teorias da globalização* (Civilização Brasileira, 1999); *A formação do Estado populista na América Latina* (Civilização Brasileira, 1975); *Teorias da estratificação social* (Editora Nacional, 1978); *O ciclo da revolução brasileira* (Vozes, 1984); *Estratificação e desenvolvimento social no Brasil* (Civilização Brasileira, 1963); *Teorias de estratificação social: leituras de sociologia* (Editora Nacional, 1978); *Sociologia da sociologia latino-americana* (Civilização Brasileira, 1971); *Revolução e cultura* (Civilização Brasileira, 1983); *Florestan Fernandes* (Ática, 1986); *Enigmas da modernidade-mundo* (Civilização Brasileira, 2000). Publicou também um grande número de artigos e capítulos de livros, entre os quais *Raízes da violência*, um dos últimos e talvez o seu último trabalho publicado⁴.

O MUNDO DEPOIS DE 11 DE SETEMBRO DE 2001⁵

Vou fazer uma análise científica dos acontecimentos de 11 de setembro que não tem medo das implicações políticas.

Trata-se de um acontecimento excepcional. Esse acontecimento excepcional permite uma reflexão científica para entender o mundo em que vivemos e também projeta a compreensão para o futuro. O acontecimento do dia 11 de setembro indica que o futuro já está presente, bem como lembra acontecimentos do passado remoto e recente.

É importante porque põe em causa a globalização. Nós, nas ciências sociais, não temos laboratório, mas acontecimentos como esse são o nosso laboratório.

Vamos aos fatos: foi um “ataque terrorista” que fez desabar o World Trade Center e também um ângulo do Pentágono, que foi reduzido a um “quadrilátero” (sic!). É também significativo o fato de que até hoje não se sabe quem foi ou quais foram os responsáveis pelo ato. Foi planejado na Alemanha? Não se sabe. Talvez as autoridades norte-americanas saibam, mas não revelam.

Além de um ato “terrorista”, foi também um ato POLÍTICO. Na perspectiva do governo norte-americano, também terrível e perigoso, o que justifica a implantação da JUSTIÇA INFINITA. A partir de então **todos** hoje estamos em guerra. Vale a pena reconhecer que se tratou de um ato terrorista/ato político e que desencadeou uma desordem mundial.

Da perspectiva da geopolítica norte-americana são elaborados planos de retaliação. Mas os jornais já dizem e diziam que o plano para atacar o Iraque, por exemplo, já está montado. O ato de 11 de setembro veio a fortalecer esse plano.

A geopolítica e a postura da retaliação inventaram o EIXO DO MAL. Será que nós somos **do bem** ou **do mal**? Eu não sei. Vocês sabem?

Outra lição que podemos tirar do acontecimento é o fato de que a maior potência imperialista mundial é vulnerável. Isso foi constatado de forma incontestável. Por isso podemos considerá-lo também um ato REVOLUCIONÁRIO. Desmontou o mito da inviolabilidade e invencibilidade no seu próprio território e partir do seu próprio território.

Por isso, podemos considerar como fundamentalmente três os significados do 11 de setembro:

- Ato terrorista
- Ato político
- Ato revolucionário

Faz tempo que a supremacia norte-americana tem estabelecido para o mundo como o mundo deve se organizar e funcionar, tanto econômica, como politicamente. E os métodos usados são tanto legais como ilegais. Por exemplo, quem derrubou o governo legítimo de João Goulart no Brasil em 1964? Quem derrubou o governo da Guatemala em 1954? Foi a CIA, com a colaboração de forças e organizações internas. Quem derrubou o governo de Sukarno na Indonésia em 1965? Foi a CIA, assumidamente. Quem acabou com a história de uma das páginas mais bonitas da América Latina, como a experiência chilena do governo Allende? Foi a CIA, sob a inspiração de Henry Kissinger.

Faz tempo que a geopolítica norte-americana tem agredido todas as tentativas de alternativas do mundo que não se enquadrem nas suas imposições.

Então somos obrigados a reconhecer que os acontecimentos do 11 de setembro não significam uma loucura. Significam sim a reação ao dilapidamento de muitos projetos autônomos.

Observamos no ambiente terrorista da geopolítica norte-americana e de seus aliados da Europa Ocidental e parte da Ásia, em especial o Japão, uma ação sistêmica e em rede. O que aconteceu no dia 11 de setembro de 2001 tem a ver diretamente com a Guerra do Oriente Médio e também tem a ver com os Chiapas mexicanos.

Um argumento que se tem usado até cansar na mídia é o chamado “choque de civilizações”: o “obscurantismo” do Islão, por exemplo. Isso não significa nada mais do que a derivação de um antigo elemento da ideologia norte-americana que opõe Ocidente a Oriente. Trata-se de escolher um novo inimigo. As elites e a maioria da população norte-americana teleguiada sabem quem é esse inimigo: os terroristas, o terrorismo.

Também o atual governo da Venezuela do presidente Hugo Chaves está sendo satanizado pelos Estados Unidos e pela imprensa dos países “aliados”, como a “nossa” grande imprensa, por propor um projeto nacional e não-alinhado.

O ato de 11 de setembro pode ser, também, entendido como mais um capítulo da revolta contra o “Ocidente”. O que foram as lutas pela independência das nações latino-americanas senão uma revolta contra o

“Ocidente”? Então, o ato de 11 de setembro é mais uma manifestação da revolta contra o “Ocidente”. Mao, Fidel, Mandela e outros tentaram achar lacunas para um desenvolvimento do tipo nacional. Do mesmo modo, Tupac Amaru, Sandino.

Ocorre que a luta e a resistência não se restringem ao Ocidente, que é uma civilização muito rica, mas ao **Ocidente capitalista**. As torres gêmeas e o pentágono foram atacados por serem símbolos do capitalismo e não do Ocidente.

Pensemos nisso: todos nós somos órfãos de uma experiência lindíssima que ia se desenvolvendo no Chile de Allende e na Nicarágua Sandinista. E quero ir mais longe: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) que foi derrotada é aquela que estava preparando uma nova experiência de **democracia socialista**. E devemos lembrar o assassinato de Lumumba pela CIA. A “guerra fria” nos levou a frustrações. Só a **resistência** é a alternativa para viver e pensar outros modos e não apenas o neoliberalismo.

Acho que já podemos pensar que está em causa o declínio da supremacia norte-americana. Os europeus já estão inquietos. Há um profundo mal-estar na Europa em função do início desse declínio. A própria Arábia Saudita, que tem o apoio norte-americano, também já se inquieta.

As tensões se multiplicam. É preciso desmentir: não é verdade que o mundo está em guerra. É mentira: a humanidade não está ameaçada! Não existe ou só existe na criação artificial dos norte-americanos a idéia de EIXO DO MAL. A humanidade não está ameaçada. Ou melhor: tem estado ameaçada, mas exatamente pela geopolítica dos Estados Unidos.

E há um elemento novo: as fraudes e as quebraadeiras. Mais um escândalo está em curso nos Estados Unidos, envolvendo o próprio presidente da república e seu vice. Isso é mais uma prova de que o capitalismo está sendo posto em causa. Uma supremacia que explode devido aos seus excessos, devido à arrogância.

Parte do que falei hoje está baseado em argumentos críticos dos próprios norte-americanos, como

2. Leandro Konder, *Jornal do Brasil*, 10/4/2004.

3. *Folha de S. Paulo*, 5/4/2004.

4. Organizado por Thimoteo Camacho (Vitória: EDUFES, 1993).

5. Anotações de Thimoteo Camacho da Conferência pronunciada pelo Professor Octavio Ianni na SBPC, em Goiânia, em 11/7/2002.

Chomsky e Fulbright. Este último, nos anos 1960, já criticava a arrogância norte-americana como uma espécie de subproduto do “espírito puritano”. A “Cru-

zada Puritana”, no seu entender, tinha muito a ver com os acontecimentos trágicos da vida norte-americana.